

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

1 CORÍNTIOS 16:2 E A OBSERVÂNCIA DO DOMINGO

Rinaldo Franco Garbelini

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

TCC apresentado em dezembro de 2004

Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

rinaldogarbelini@hotmail.com

RESUMO: Esta passagem, bem conhecida do Novo Testamento, geralmente é citada como evidência para a observância do domingo na era apostólica. Seria esse o propósito de Paulo ao instruir os crentes de Corinto? Poderíamos usar esse texto para mostrar que os cristãos primitivos observavam habitualmente o primeiro dia da semana? A separação de fundos (coleta) dos coríntios pode ser interpretada como estando relacionada ao culto divino no domingo? É imperativa uma análise da passagem de I Coríntios 16:2, a fim de estabelecermos se a observância do domingo é pressuposta ou mesmo sugerida nessa passagem do Novo Testamento.

PALAVRAS-CHAVE: coríntios, coleta de ofertas, domingo, sábado, Paulo.

1 Corinthians 16:2 and the observance of Sunday

ABSTRACT: This well known passage of the New Testament is usually quoted as an evidence of the religious observation of Sunday in the Apostolic Era. Would this be the purpose of Paul in his instructions to the believers in Corinth? Could one use this text in order to show the first Christians usually kept the first day of the week? The setting apart of funds (collect) by the Corinthians could be interpreted as an activity related to an act of worship on Sundays? It is an imperative need to analyze this passage in order to establish if the religious observation of Sunday is here presented or at least suggested in this passage.

KEYWORDS: Corinthians, collect of offerings, Sunday, Sabbath, Paul.

Faculdade Adventista de Teologia
UNASP – Campus 2

UMA PESQUISA SOBRE O TEXTO BÍBLICO

“1 CORÍNTIOS 16:2”

Um Relatório

Apresentado em Cumprimento da

Trabalho de Conclusão de Curso

Estudo Dirigido Individual

por

Rinaldo Franco Garbelini

Dezembro de 2004

ESTUDO EXEGÉTICO DE 1 CORÍNTIOS 16:2

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção do Título de
Bacharel em Teologia

por

Rinaldo Franco Garbelini

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Reinaldo W. Siqueira
Professor de Antigo Testamento

Avaliação

Amin A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

Data da Aprovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Definição do Problema.....	1
Metodologia do Estudo	2
Capítulos	
I. REVISÃO DE LITERATURA	4
A Coleta foi feita no Primeiro Dia da Semana na Igreja	4
A Coleta foi feita no Primeiro Dia da Semana em Casa	5
Conclusão Parcial.....	6
II. O TEXTO	7
Delimitação da Perícope.....	7
O Texto da Perícope.....	8
Tradução.....	9
III. CONTEXTO HISTÓRICO	10
Contexto Histórico Geral.....	10
Contexto Histórico Específico	14
Surgimento da Observância do Domingo	17
Conclusão Parcial.....	18
IV. CONTEXTO LITERÁRIO	20
Gênero Literário	20
Forma Literária.....	20
Estrutura Literária do Livro.....	20
Estrutura Literária da Perícope.....	22
Figuras de Linguagem.....	22
Conclusão Parcial.....	23

V. ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA E TEMÁTICA.....	25
Paralelo de Palavras	25
Análise do Verso	27
Análise da Perícope.....	29
Paralelo de Idéias	30
O Primeiro Dia da Semana.....	30
O Dia do Senhor.....	36
A Coleta para os Santos de Jerusalém.....	42
Conclusão Parcial.....	47
VI. REAÇÃO CRÍTICA E REFLEXÃO TEOLÓGICA	49
Reação Crítica	49
Reflexão Teológica	51
CONCLUSÃO	54
BIBLIOGRAFIA	59

INTRODUÇÃO

Na primeira carta de Paulo aos Coríntios, o apóstolo recomendou um plano singular aos crentes de Corinto (semelhante às instruções que havia dado às igrejas da Macedônia e Galácia) para assegurar uma contribuição substancial à campanha de um levantamento geral de fundos a favor dos pobres da igreja de Jerusalém. O plano foi assim estabelecido: “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for” (1 Co 16:2)¹.

Definição do Problema

Esta passagem bem conhecida do Novo Testamento geralmente é citada como evidência para a observância do domingo na era apostólica. Seria esse o propósito de Paulo ao instruir os crentes de Corinto? Poderíamos usar esse texto para mostrar que os cristãos primitivos observavam habitualmente o primeiro dia da semana? A separação de fundos (coleta) dos Coríntios pode ser interpretada como estando relacionada ao culto divino no domingo? É imperativa uma análise da passagem de 1 Co 16:2 a fim de estabelecermos se a observância do domingo é pressuposta ou mesmo sugerida nessa passagem do Novo Testamento.

¹*Bíblia Sagrada, Revista e Atualizada [ARA]*, 2ª ed., trad. João Ferreira de Almeida (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999), 146.

Metodologia do Estudo

Para atingir este objetivo, será utilizado o método da “Leitura Atentiva” (Close Reading) do texto. No primeiro capítulo, faremos uma revisão de literatura para verificar as diferentes interpretações existentes entre os comentaristas bíblicos sobre a coleta requerida por Paulo. As divisões desse capítulo serão de acordo com as posições dos escritores.

No segundo capítulo, analisaremos o texto bíblico da passagem em questão. Primeiro, delimitaremos a perícopes na qual se encontra o nosso verso. Depois, verificaremos o texto em si na intenção de identificar possíveis variantes e suas implicações para o texto. Por fim será fornecida uma tradução do texto da perícopes analisada.

No terceiro capítulo, será pesquisado o contexto histórico geral do livro de 1 Coríntios, o contexto histórico específico da passagem analisada e um sumário dos principais fatores que deram origem a observância do domingo nos primeiros séculos. No contexto histórico geral apresentaremos prováveis evidências sobre a autoria, data, principais temas e propósitos da primeira carta enviada aos Coríntios, bem como aspectos culturais e geográficos da cidade. No contexto histórico específico serão apresentados os aspectos relevantes que levaram Paulo a levantar essa coleta para os pobres de Jerusalém.

No quarto capítulo, analisaremos o gênero literário e a forma literária da perícopes, a estrutura literária, primeiramente do livro, e em seguida da perícopes. Finalizando o capítulo verificaremos as figuras de linguagem existentes na perícopes e se o uso destas figuras influenciaram na compreensão do verso que estamos analisando.

No capítulo cinco, faremos uma análise léxico-sintática e temática, apresentando as descobertas feitas que respondem ou esclarecem o problema levantado no presente trabalho.

No capítulo seis, apresentaremos uma reação crítica sobre as diferentes interpretações do texto, descritas no capítulo um, à luz das descobertas realizadas ao longo dessa pesquisa. Em seguida será feita uma reflexão teológica do texto, mostrando sua contribuição para outras áreas da teologia.

Por último, concluiremos resumindo as principais descobertas feitas ao longo de nossa pesquisa e quais foram as suas implicações para a compreensão do verso analisado.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Ao realizar a revisão da literatura que trata sobre o assunto em questão, podemos notar que os escritores se dividem basicamente em dois grupos. O primeiro grupo interpreta 1 Co 16:2 como um levantamento de fundos (coleta) no domingo, indicando que essa oferta foi entregue na igreja, por ser esse o dia de guarda dos cristãos. O segundo grupo interpreta o texto enfatizando que a coleta foi realizada em casa, individualmente, e, portanto, Paulo não faz alusão a uma reunião dominical cristã.

A Coleta foi Feita no Primeiro Dia da Semana na Igreja

Segundo esta interpretação, a menção do primeiro dia da semana, ou seja, o domingo, como o dia escolhido para dar as ofertas, sugere que este dia era observado pelos cristãos primitivos. Os teólogos que apóiam esta interpretação alegam que a orientação fornecida por Paulo em 1 Co 16:2 reforça a adoração do domingo, inclusive nas igrejas modernas.

Os teólogos que concordam com essa posição são: Henry H. Halley, Raymond Bryan Brown, Matthew Henry, R. N. Champlin, Leon Morris, Donald Guthrie, Herschel H. Hobbs, Richard S. Taylor, W. Harold Mare, David Prior, S. Lewis Johnson, Norman

Hillyer, Charles W. Carter, R.V.G. Tasker, Hans Conzelmann, Robert Jamieson, David Brown, Albert Barnes e F. B. Meyer¹.

A Coleta foi Feita no Primeiro Dia da Semana em Casa

Segundo essa interpretação, os teólogos do segundo grupo afirmam que Paulo orientou os cristãos de Corinto a realizarem a separação de fundos em casa, de forma individual e privativa. Esses teólogos dizem que as coletas foram feitas para ajudar os

¹Henry H. Halley, *Manual bíblico*, 10ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 1991), 529; Raymond Bryan Brown, “Introdução e comentário sobre o texto de I Coríntios”, *Comentário bíblico Broadman*, ed. Clifton J. Allen, 2ª ed., trad. Adiel Almeida de Oliveira (Rio de Janeiro: JUERP, 1987), 10:460; Matthew Henry, *Comentário exegético devocional a toda la Bíblia*, 6 vols. (Barcelona: Libros Clie, 1989), 4:481; R. N. Champlin, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, 6 vols. (São Paulo: Editora Hagnos, 2002), 4:276; Leon Morris, *I Coríntios: Introdução e comentário*, 3ª ed., Série Cultura Bíblica (São Paulo: Mundo Cristão, 1989), 191; Donald Guthrie, *Nuevo comentario bíblico* (Barcelona: Casa Bautista de Publicaciones, 1977), 795; Herschel H. Hobbs, *The Epistles to the Corinthians*, 3ª ed. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1960), 79; Richard S. Taylor, *Beacon Bible Commentary*, 10 vols. (Kansas City, MS: Beacon Hill Press, 1968), 8:475; W. Harold Mare, “I Corinthians”, *The Expositor’s Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelin (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1976), 10:293; David Prior, *A mensagem de I Coríntios*, ed. J.A. Motyer e J. R. W. Stott, 13 vols. (São Paulo: ABU Editora S/C, 1993), 9:300; S. Lewis Johnson, *El comentario bíblico Moody*, ed. Everett F. Harrison (Chicago: Editorial Moody, 1971), 314; Norman Hillyer, *The New Bible Commentary*, 3ª ed., ed. Donald Guthrie (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1970), 1073; Charles W. Carter, *The Wesleyan Bible*, 2ª ed., 6 vols. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1971), 5:238; R.V.G. Tasker, *The First Epistle of Paul to the Corinthians*, Tyndale New Testament Commentaries, vol. 5 (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1966), 238; Hans Conzelmann, *I Corinthians*, Hermeneia (Philadelphia: Fortress Press, 1977), 296; Robert Jamieson, A.R. Fausset e David Brown, *A Commentary Critical, Practical and Explanatory on the Old and New Testament*, 4 vols. (Dayton, OH: Loizeaux Brothers, 1888), 2:785; Albert Barnes, *Notes on the New Testament Explanatory and Practical*, ed. Robert Frew, 11 vols. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1967), 3:327; F. B. Meyer, *Comentário bíblico devocional do Novo Testamento* (Venda Nova, MG: Editora Betânia S/C, 1992), 183.

pobres de Jerusalém, e que Paulo não estava reforçando que o domingo é o dia que os cristãos adoravam. As ofertas deveriam ser acumuladas por um determinado período de tempo, até que o apóstolo viesse buscá-las.

Os teólogos que concordam com essa posição são: Floyd V. Filson e James Reid, H.D.M. Spence e Joseph S. Exell, William F. Orr e James A. Walther, Archibald T. Robertson, A.B. Christianini, Lourenço Gonzáles, Samuelle Bacchiocchi e o *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia*¹.

Conclusão Parcial

Conforme vimos, os autores possuem divergências em suas opiniões sobre o levantamento de fundos na igreja de Corinto. Nesse capítulo apresentamos duas diferentes interpretações: (1) a coleta foi realizada na igreja no dia oficial de guarda – o domingo, e (2) a coleta foi realizada em casa, individualmente, e, portanto, o texto não indica a observância do domingo por parte dos cristãos primitivos.

¹Floyd V. Filson e James Reid, “I e II Corinthians, Galatians, Ephesians”, *The Interpreter’s Bible*, ed. George Arthur Buttrick (Nashviele,TE: Abingdon Press, 1953), 10:256; H. D. M. Spence e Joseph S. Exell, *The Pulpit Commentary*, 23 vols. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1977), 19:519; William F. Orr e James A. Walther, *I Corinthians*, 5ª ed., The Anchor Bible, vol. 32 (Garden City, NY: Doubleday & Company, 1976), 355; Archibald T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament – The Epistles of Paul*, 6 vols. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1931), 4:200; A. B. Christianini, *Subtilezas do erro*, 2ª ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981), 212; Lourenço Gonzales, *Assim diz o Senhor*, 5ª ed. (Rio de Janeiro: Editora Ados, 1993), 130; Samuelle Bacchiocchi, *Do sábado para o domingo*, 5 vols. (Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, 1990), 2:29; “Aparte” [1 Co 16:2], *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia [CBASD]*, ed. Francis D. Nichol, trad. Victor E. Ampuero Matta (Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1988), 6:809.

CAPÍTULO II

O TEXTO

Delimitação da Perícope

Conforme análise do texto de 1 Co 16:2, chegamos à conclusão que a delimitação da perícope de nossa pesquisa encontra-se em 1 Co 16:1-4. Essa conclusão baseia-se no argumento de que no capítulo anterior, ou seja, no capítulo 15, o apóstolo Paulo aborda o tópico referente à ressurreição, tanto a de Cristo, no passado, quanto a dos crentes, no futuro, e sua importância crucial para a fé cristã. Em 1 Co 16:1, o apóstolo Paulo inicia o capítulo com as palavras: “*Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia*”. O uso da expressão “*Quanto à*”, que poderia ter sido traduzido também como “*relativo à*” ou “*a respeito da*”, demonstra que o apóstolo havia terminado suas considerações sobre a questão da ressurreição e estava introduzindo um novo assunto. O assunto introduzido no capítulo 16 estabelece um plano de ofertas sistemáticas que deveriam ser levantadas pelos coríntios e serem enviadas para os crentes pobres de Jerusalém. Essas ofertas ou coletas deveriam ser feitas antes da chegada do apóstolo na cidade de Corinto. Notamos, portanto, uma mudança significativa de assunto entre 1 Co 15 e 16. Convém ressaltarmos que nos versículos posteriores à 16:4, o apóstolo informa aos coríntios sobre os planos de suas viagens missionárias (5-9), como também

relata informações à respeito de Timóteo, Apolo, Estéfanos, Fortunato e Acaico, todos esses colaboradores de Paulo na pregação do evangelho (10-18). A partir do verso 19 até o verso 24, o apóstolo encerra a sua epístola fazendo as saudações e bênçãos finais, comuns ao estilo de Paulo no final de suas cartas. Portanto, concluímos que há uma mudança de assunto entre os versículos 4 e 5 e, portanto, nossa perícopé encerra-se em 1 Co 16:4.

Outro argumento em favor da delimitação dessa perícopé encontra-se no fato de que a maioria dos teólogos concordam que existe uma mudança significativa de assunto entre os capítulos 15 e 16; que os versos 1 à 4 referem-se às coletas levantadas para os pobres de Jerusalém, que os versos 5 à 18 referem-se aos planos de viagem de Paulo à Corinto como também informações sobre seus colaboradores de trabalho; e que os versos 19 à 24 são saudações e bênçãos finais do apóstolo aos crentes de Corinto. Dentre os teólogos que pesquisaram o assunto e que também estão de acordo com as informações citadas acima encontram-se Robert H. Gundry, Henry H. Halley, Raymond Bryan Brown, Richard Kugelman, Matthew Henry, F. F. Bruce e R. N. Champlin¹.

O Texto da Perícopé

O texto de 1 Co 16:1-4 não possui variantes textuais na 3ª ed. do *Greek New*

¹Robert H. Gundry, *Panorama do Novo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 1998), 317; Halley, 529; Brown, 10:459-461; Richard Kugelman, “I Coríntios”, *Comentário bíblico San Jerônimo [CBSJ]*, eds. Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, trad. Jesus V. Malla e Juan J. del Moral (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972), 4:61-62; Henry, 4:480-486; F. F. Bruce, “Seção introdutória”, *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ed. Merrill C. Tenney, 5 vols. (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1975), 1:965-966; Champlin, 4:275-276.

Testament de Kurt Aland e outros¹. Logo, concluímos que a perícopes de nossa pesquisa não apresenta divergências relevantes entre os manuscritos existentes.

III.

IV. Tradução

Segue-se uma tradução própria do texto de 1 Co 16:1-4, baseada no *Nuevo*

*Testamento Interlineal Griego-Español*²:

¹E, acerca da coleta para os santos, conforme ordenei as igrejas da Galácia, assim também fazei vós. ²No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, juntando, conforme a prosperidade, para que então não se façam coletas quando eu chegar. ³E, quando chegar, a quem aprovardes, mediante cartas, a estes enviarei para que levem o donativo de vocês a Jerusalém. ⁴E se convém que eu vá também, eles irão comigo.

¹Kurt Aland e outros, *The Greek New Testament*, 3ª ed. (Westphalia: United Bible Societies, 1975), 618-619.

²Francisco Lacueva, *Nuevo Testamento interlineal griego-español* (Barcelona: Libros Clie, 1984), 704-706.

CAPÍTULO III

O CONTEXTO HISTÓRICO

Contexto Histórico Geral

Com exceção de alguns críticos radicais que chegam a duvidar da existência de Paulo, geralmente tem sido aceito de forma generalizada a paternidade literária paulina desta epístola. O nome do autor aparece tanto no começo como no final de sua epístola (1 Co 1:1-2; 16:21). A carta foi ditada por Paulo a um dos seus secretários, exceto a saudação final do livro, onde Paulo declara que ele escreveu com seu “próprio punho” (16:21).

Não se conhece a razão exata por que Paulo utilizava secretários, mas frequentemente era esse o seu costume (Rm 16:22; Cl 4:18). Uma possível razão era que Paulo enfrentava problemas de visão (Gl 4:15; 6:11). Dentre os vários teólogos que concordam com a autoria de Paulo na epístola aos Coríntios, citamos Raymond B. Brown, Matthew Henry, Merrill C. Tenney e Richard S. Taylor¹.

Conforme o texto de At 18:1-19, Paulo, na sua segunda viagem missionária, chegou a Corinto, e encontrou ali um casal judeu, Áquila e Priscila, que, juntamente com todos os outros judeus, havia sido forçado a sair da cidade de Roma em 49 D.C, pelo

¹Brown, 10:342; Henry, 4:485-486; Bruce, 1:964; Taylor, 8:295.

imperador Cláudio¹. A missão de Paulo em Corinto logrou grande êxito (At 18:8), e ele permaneceu em Corinto por um ano e meio (At 18:11). Conforme At 18:12-17, Paulo esteve em Corinto durante a administração de Lucius Junius Annaeus Gallio, que fora enviado a Corinto em 51 ou 52 d.C., para servir como procônsul da Acaia². Visto que Paulo chegou a Corinto antes de Gálio ter sido nomeado procônsul (At 18:12), é provável que ele tenha chegado lá em 50 d.C. Certamente Paulo estava pregando em Corinto no ano 51 d.C.

Depois de um ataque levado a efeito contra ele por alguns judeus, que foi frustrado, Paulo viajou para a Síria (At 18:18). Posteriormente, por ocasião de sua terceira viagem missionária, Paulo dirigiu-se a cidade de Éfeso (At 18:19) onde escreveu a primeira epístola aos Coríntios (1 Co 16:8). A primeira epístola de Paulo aos Coríntios, no entanto, é a segunda das epístolas que o apóstolo escreveu à igreja de Corinto. A declaração que se encontra em 1 Co 5:9 permite-nos entender que Paulo já havia escrito uma epístola anterior à igreja de Corinto, mas que depois se perdeu³.

Provavelmente Paulo escreveu essa primeira epístola aos Coríntios poucos meses antes de deixar Éfeso, a fim de visitar novamente as igrejas que havia fundado na Macedônia e em Corinto. Em 1 Co 16:8, Paulo expressa o desejo de ficar em Éfeso até à festa de Pentecostes esperando partir dali pouco depois. R.N. Champlin diz que é bem

¹Brown, 10:343.

²Ibid., 10:344.

³Ibid., 10:338-339; Gundry, 307-308.

provável que Paulo tenha escrito a epístola de 1 Coríntios durante a primavera, pouco antes da festa de Pentecoste, em 54 d.C. A maioria dos teólogos concordam que a data provável para a elaboração da primeira carta aos Coríntios encontra-se aproximadamente entre os anos de 54 à 57 AD¹.

Pesquisas realizadas por Henry H. Halley, revelaram que Corinto era uma metrópole comercial da Grécia, uma das maiores, mais ricas e importantes cidades do Império Romano, com uma população de 400.000, só ultrapassada por Roma, Alexandria e Antioquia. Situada no istmo da Grécia, uns 80 Km de Atenas, na principal rota comercial do império, pelos seus ancoradouros passava o comércio do mundo. Corinto era a residência de romanos, gregos, egípcios, sírios, judeus e orientais. Naturalmente, as pessoas de diferentes raças levaram com elas, para Corinto, a sua herança cultural, inclusive diferentes costumes sociais, crenças e práticas religiosas. Corinto tornou-se famosa por sua moral frouxa, talvez, em parte, como consequência dos rituais religiosos pagãos. Desde a época do poeta Aristófanes (c.400 a.C.), “corintianizar” era uma expressão proverbial de imoralidade².

Havia em Corinto um sincretismo religioso, trazidos de muitas partes do Império Romano. Em uma colônia romana como Corinto, o primeiro lugar devia ser dado à adoração dos Césares deificados, à deusa de Roma (personificação da cidade) e aos deuses do Estado romano - Júpiter, Marte e Vênus. O culto mais famoso em Corinto era o

¹Champlin, 4:2; Guthrie, 779; Mare, 10:179-180; Brown, 10:342.

²Halley, 523.

de Afrodite, cujo templo ficava localizado no topo do monte Acrocorinto. Conforme Estrabão, geógrafo que viveu no primeiro século, mais de mil mulheres serviam de prostitutas sagradas no templo de Afrodite¹.

Donald Guthrie, comentando sobre o propósito de Paulo ao escrever a primeira carta aos Coríntios, diz que essa carta era uma resposta de Paulo às informações que os filhos de Cloé trouxeram de Corinto (1 Co 1:11) acerca das contendas que tinham surgido entre os crentes de Corinto, o que havia produzido facções entre eles (1 Co 1:12; 3:4; 4:6), cada uma das quais com o seu suposto líder (Paulo, Pedro, Apolo e Jesus). Paulo havia também recebido uma carta enviada pelos Coríntios. Essa é a única carta que sabemos com certeza que Paulo recebeu (1 Co 7:1). A carta entregue pelos delegados da comunidade, Estéfanos, Acaico e Fortunato, era uma consulta a Paulo pedindo os conselhos do apóstolo acerca de várias questões que, evidentemente, vinham sendo debatidas entre os cristãos daquela cidade. O resultado dessas indagações é a primeira epístola aos Coríntios, ou, pelo menos, partes da mesma².

Os temas abordados por Paulo em Corinto são essencialmente éticos e práticos; e por causa dos muitos problemas acerca dos quais o apóstolo escreveu, no intuito de corrigi-los, encontramos a mais completa declaração ética da fé cristã em todo o N.T. Isso é particularmente importante para a nossa época, pois a maioria dos problemas que os crentes de Corinto tiveram de enfrentar são os mesmos comuns à experiência cristã hoje em

¹Brown, 10:338.

²Guthrie, 779-780.

dia. Apresentamos os principais temas desenvolvidos na epístola: Problemas das divisões partidárias (1:10-4:21); imoralidade e os padrões éticos gerais e cristãos (5:1-7:40); a liberdade cristã (8:1-11:1); regulamentos sobre a adoração cristã (11:22-14:40); a ressurreição dos mortos e a *parousia* (15:1-58); e questões pessoais (16:1-24).

Concluimos, portanto, ressaltando que os motivos básicos pelos quais foi escrita a primeira epístola aos Coríntios é duplo: (1) relatórios orais provenientes dos familiares de Cloé acerca das desavenças desencadeadas na igreja; e (2) a chegada de uma delegação da parte da igreja de Corinto – Estéfanos, Fortunato e Acaico – trazendo uma carta solicitando o parecer de Paulo sobre diversos problemas, aos quais ele aborda na epístola.

V. Contexto Histórico Específico

A coleta para os pobres de Jerusalém era um item muito importante para o apóstolo dos gentios, como indica o extenso texto que ele escreve a respeito em 2 Co 8-10. Em quatro de suas cartas Paulo faz menção a esse levantamento de fundos para os crentes judeus. Em Rm 15:25 e 26, Paulo faz referência a mesma coleta, que deveria ser levantada também pelas igrejas da Macedônia e Acaia. Em 2 Co 8:1-5, o apóstolo chama a atenção dos Coríntios para o exemplo de generosidade das igrejas da Macedônia. As igrejas da Macedônia haviam sido generosas em sua ajuda aos pobres da Judéia, apesar de sua profunda pobreza (verso 2), e isso provava que a graça de Deus havia movido os corações dos macedônios e que o mesmo exemplo deveria ser seguido pelas demais igrejas. Em 2 Co 9:1-15, Paulo retoma novamente o assunto da coleta, e no verso 7 o apóstolo revela a

natureza com que as ofertas deveriam ser dadas: “*Cada um de vós contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria*”. Um conselho parecido o apóstolo havia dado também aos Coríntios: “...*cada um de vós ponha de parte, juntando, conforme a prosperidade...*” (1 Co 16:2). Em Gl 2:9-10, Paulo novamente menciona os esforços que empreendeu para ajudar aqueles que eram pobres, e é bem provável que ele estivesse referindo-se aos necessitados da Judéia.

Essa coleta estava além do interesse humanitário envolvido, Paulo provavelmente também tinha uma finalidade política em foco. Ele desejava unir mais estreitamente a igreja-mãe (dos judeus) com as igrejas gentílicas, pois entre esses dois grupos do cristianismo primitivo – o dos judeus e o dos gentios – aparecera certa tensão, devido à questão do legalismo, isto é, as relações entre o cristianismo e o judaísmo antigo, com sua legislação mosaica. A oferta era uma excelente maneira de demonstrar a unidade da igreja, e poderia suavizar quaisquer suspeitas que eles tivessem a respeito dele e de sua obra entre os gentios. A doação de esmolas era uma fortíssima virtude, segundo o Antigo Testamento, considerada como um sinal de piedade e retidão¹.

Portanto, a coleta especial para os pobres de Jerusalém é um reflexo da participação das igrejas gentílicas nos princípios éticos judaicos.

Por que os crentes de Jerusalém estavam necessitando dessa coleta? Não encontramos nenhuma declaração bíblica específica que nos informe por qual razão a igreja de Jerusalém fora reduzida à pobreza, mas algumas hipóteses podem ser levantadas.

¹Champlin, 4:275; 3:867; Prior, 9:300; Morris, 190.

A população de Jerusalém era tradicionalmente empobrecida. Desde os tempos de Cícero, lemos acerca de recursos enviados a Jerusalém, doados por diversos outros centros populacionais judaicos. Além disso, a igreja primitiva era composta principalmente de pessoas pobres, assim sendo, já começou pobre. Não há que duvidar, em acréscimo a isso, que essa situação foi ainda mais agravada devido às perseguições contra cristãos judeus. Essas perseguições envolviam a confiscação de propriedades, além de pressões financeiras em geral¹.

As condições econômicas na Palestina eram opressivas para os judeus e cristãos. Calcula-se que os impostos – civis e religiosos – alcançavam o assombroso total de quase quarenta por cento do salário de uma pessoa. O povo não tinha nenhuma esperança de escapar da pobreza. Além disso, a igreja de Jerusalém sofria muito com as perseguições. A maioria dos crentes eram pobres, alguns deles por que haviam se tornado cristãos (At 4:34-35; 6:1; 8:1; 11:28-30)².

A pobreza dos crentes em Jerusalém, parece ser resultado também de uma fome severa que fora predita por Ágabo, em uma profecia relatada em At 11:28, um desastre natural que teria afetado com mais rigor os arredores de Jerusalém, na Judéia, por não ser uma região muito rica. Através dessa fome, Paulo destacou a oportunidade, o privilégio e a responsabilidade de atender às necessidades dos santos de Jerusalém³.

¹Champlin, 4:275.

²“Aparte” [1 Co 16:2], *CBASD*, 6:809.

³Prior, 9:299.

Conforme vimos até aqui, as instruções dadas pelo apóstolo envolvia questões assistenciais e não litúrgicas. Não podemos relacionar essa campanha assistencial do apóstolo com a guarda do domingo, como fazem alguns teólogos. A observância do domingo entre os cristãos surgiu muitas décadas depois, conforme veremos na seção histórica a seguir.

Surgimento da Observância do Domingo

A mudança do sábado para o domingo, como dia de adoração, ocorreu gradualmente. Não existem evidências de santificação semanal do domingo por parte dos cristãos antes do segundo século, mas as evidências indicam que por volta da metade desse século alguns cristãos observavam voluntariamente o domingo como dia de adoração, não como dia de repouso. A igreja de Roma, composta em grande medida de crentes gentios (Rm 11:13), liderou a tendência no tocante à adoração dominical. Em Roma, a capital do Império, existiam fortes sentimentos anti-judaicos, os quais se tornaram ainda mais fortes com o passar do tempo. Reagindo a tais sentimentos, os cristãos da cidade procuraram mostrar que eram diferentes dos judeus. Abandonaram algumas práticas que tinham em comum com os judeus e iniciaram a tendência de afastar-se da adoração no sábado, caminhando gradualmente para a adoração exclusiva no domingo¹.

¹Para um estudo mais detalhado do surgimento histórico da observância do domingo, favor consultar as obras *Nisto Cremos*, 3ª ed., trad. Hélio L. Grellmann (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 344-346; Bacchiocchi, 3:56-97; 4:37-61; Charles J. Hefele, *A History of the Councils of the Church From the Original Documents*, trad. de Henry N. Oxenham (Edinburg: T. & T. Clark, 1876), 2:316; John N. Andrews, *History of the Sabbath and First Day of the Week*, 2ª ed. (Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Assn., 1873), 575.

O quarto século testemunhou a introdução de leis dominicais. Em primeiro lugar, foram impostas leis dominicais de caráter civil, depois vieram às leis dominicais de caráter religioso. O imperador Constantino estabeleceu o primeiro decreto dominical civil em 7 de março de 321 d.C. Em vista da popularidade do domingo entre os adoradores pagãos do Sol e da estima que muitos cristãos lhe dedicavam, Constantino tinha a esperança de que, tornando o domingo um dia santo, obteria ele o apoio das duas correntes em favor de seu governo. O decreto dominical de Constantino refletia suas próprias origens como adorador do Sol. Diz o texto: “No venerável Dia do Sol [venerabili die Solis] devem os magistrados e as pessoas que residem nas cidades descansar, e devem fechar todas as casas de comércio. No campo, entretanto, as pessoas envolvidas na agricultura podem livre e legalmente continuar com suas tarefas”¹.

Conclusão Parcial

Verificamos que o autor da primeira carta aos Coríntios é o apóstolo Paulo, e escreveu-a com o auxílio de um secretário, por volta dos anos 54 à 57 AD. Provavelmente a carta foi escrita da cidade de Éfeso, por ocasião de sua terceira viagem missionária (1 Co 16:8). Um dos objetivos para o envio dessa carta aos Coríntios era resolver as contendas que haviam surgido entre eles, produzindo assim facções entre aquela igreja (1 Co 1:12; 3:4; 4:6).

Concluimos também, que a coleta foi levantada numa ocasião específica, ou

¹*Codex Justinianus*, livro 3, título 12:3 – transcrito em Schaff, *History of the Christian Church*, 5ª ed. (New York: Charles Scribner, 1902), 3:380.

seja, para socorrer os pobres de Jerusalém. Além do interesse humanitário, Paulo desejava unir mais estreitamente a igreja-mãe (dos judeus) com as igrejas gentílicas. Como as condições econômicas na Palestina eram opressivas para os judeus e os cristãos, e um possível desastre natural tenha contribuído para aumentar ainda mais as dificuldades entre eles (At 11:28), Paulo viu a oportunidade de estreitar os laços entre judeus e gentios, levantando uma oferta entre as igrejas sob a sua liderança, inclusive a igreja de Corinto.

Portanto, conforme vimos, a coleta foi solicitada pelo apóstolo para atender uma necessidade assistencial da igreja e não com a finalidade de estabelecer a observância de um dia de culto para os cristãos. O surgimento da guarda do domingo ocorreu muitas décadas após as instruções dadas pelo apóstolo. Não existem evidências históricas que os cristãos guardavam o domingo antes do segundo século. Foi a igreja de Roma que liderou a tendência no tocante à adoração dominical.

CAPÍTULO IV

CONTEXTO LITERÁRIO

Gênero Literário

A primeira epístola aos Coríntios é um dos escritos clássicos de Paulo; e ela preserva para nós padrões de ética cristã dadas aos crentes de Corinto. Portanto, seu gênero literário enquadra-se dentro das epístolas gerais escritas pelo apóstolo¹.

Forma Literária

Analisando a perícopé de nossa pesquisa (1 Co 16:1-4), chegamos à conclusão que o apóstolo utiliza-se da forma literária da instrução e exortação².

Estrutura Literária do Livro

Ao analisarmos o livro de 1 Coríntios podemos verificar que ele divide-se em 7 partes; cada uma tratando de um tema específico. Essa estruturação do livro é bem clara e podemos encontrá-la nos comentários de R. N. Champlin e Robert H. Gundry³.

I. Introdução, Saudações e Ação de Graças (1:1-9)

- a. Identificação do autor e seus colaboradores (1:1)
- b. Destino da epístola (1:2)

¹Gundry, 287.

²James L. Bailey e Lyle D. van der Broek, *Literary Forms in the New Testament* (Louisville, KY: Westminster e John Knox Press, 1992), 25.

³Champlin, 4:6-7; Gundry, 317.

- c. Bênção inicial (1:3)
 - d. Elogio pelo Crescimento Espiritual (1:4-9)
- II. Problemas das Divisões Partidárias (1:10 à 6:20)
- a. Reprovação ao homem faccioso (1:10-13)
 - b. Defesa de Paulo quanto ao seu ministério e evangelho (1:14 à 2:16)
 - c. A inconsequência do homem partidarista (3:1-23)
 - d. Seção contrária aos detratores de Paulo, que haviam causado divisões (4:1-21)
- III. Imoralidade e os Padrões Éticos Gerais e Cristãos (5:1 à 7:40)
- a. Contra a imoralidade grosseira (5:1-13)
 - b. Contra os processos legais entre crentes (6:1-8)
 - c. O padrão do reino de Deus (6:9-11)
 - d. A moralidade pessoal do crente (6:12-20)
 - e. O casamento e o celibato (7:1-40)
- IV. Liberdade Cristã (8:1 à 11:1)
- a. Alimentos oferecidos a ídolos (8:1-13)
 - b. O exemplo de Paulo renunciando a seus direitos (9:1-23)
 - c. Os perigos da obstinação (9:24 à 10:22)
 - d. Declarações finais (10:23 à 11:1)
- V. Regulamentos sobre a Adoração Cristã (11:22 à 14:40)
- a. O véu das mulheres (11:2-16)
 - b. A ceia do Senhor (11:17-34)
 - c. O uso dos dons espirituais (12:1 à 14:40)
 - d. O amor governa o uso dos dons e toda a conduta cristã (13:1-13)
- VI. A Ressurreição dos Mortos (15:1-58)
- a. A tradição e o evangelho (15:1-11)
 - b. O significado da ressurreição (15:12-19)
 - c. O acontecimento e a sua ordem (15:20-34)
 - d. A natureza da ressurreição (15:35-50)
 - e. A parousia: imortalidade final (15:51-58)
- VII. Questões Pessoais (16:1-24)
- a. Coleta para os santos pobres de Jerusalém (16:1-4)
 - b. Os planos de Paulo sobre suas viagens (16:5-12)
 - c. Exortações finais, saudações e bênção (16:13-24)

Estrutura Literária da Perícope

A estrutura de nossa perícope inicia-se em 1 Co 16:1, onde Paulo usa como introdução a frase “*Quanto à coleta para os santos...*”. Essa frase introduz o conteúdo do assunto que Paulo desejava que os Coríntios soubessem, ou seja, que deveriam fazer uma coleta para os pobres de Jerusalém seguindo o modelo que ele havia ordenado às igrejas da Galácia. No final da perícope (verso 4) Paulo orienta os crentes quanto à maneira que as ofertas deveriam chegar à Judéia. Paulo poderia levá-las pessoalmente ou, se fosse necessário, outros irmãos de boa reputação poderiam acompanhá-lo na viagem. Portanto, diante dessa análise, a estrutura da nossa perícope poderia dividir-se da seguinte forma:

Coleta para os Santos de Jerusalém (16:1-4):

I. A Intenção da coleta (verso 1)

- a. Paulo deseja ajudar os pobres da Judéia (v.1a)
- b. A oferta deve ser feita tomando como modelo os crentes da Galácia (v.1b)

II. A Forma como deveria ser feita a coleta (verso 2)

- a. A ocasião para separar a oferta era o primeiro dia da semana (v.2a)
- b. A separação deveria ser feita em casa (v.2b)
- c. As ofertas deveriam ser guardadas em casa (v.2c)
- d. A separação deveria ser feita de acordo com a prosperidade de cada um (v.2d)
- e. Paulo não desejava separar as ofertas quando chegasse em Corinto (v.2e)

III. O Envio da coleta (versos 3-4)

- a. As ofertas deveriam ser enviadas somente após a presença de Paulo em Corinto (v.3)
- b. As ofertas poderiam ser levadas pessoalmente pelo apóstolo (v.4a)
- c. Outros crentes de Corinto poderiam acompanhá-lo na viagem a Judéia (v.4b)

VI.

VII. Figuras de Linguagem

Conforme E.W. Bullinger¹, em 1 Co 16:1, na frase “*cada primeiro dia da*

¹E. W. Bullinger, *Diccionario de dicción usadas en la Bíblia* (Barcelona: Clie, 1985), 572.

semana” encontramos uma figura de linguagem do tipo “Sinédoque da Parte”. Esse tipo de figura de linguagem toma a parte como referência ao todo. No caso da frase citada acima, Bullinger diz que a passagem deveria ser literalmente traduzida por “*cada dia da semana*”, ou seja, as ofertas deveriam ser levantadas durante todos os dias da semana, e não somente no primeiro dia. Como a maioria dos comentaristas entendem que o texto de 1 Co 16:1 refere-se literalmente ao primeiro dia da semana, adotamos essa interpretação em nossa pesquisa.

Conclusão Parcial

Verificamos neste capítulo que o gênero literário enquadra-se dentro das epístolas gerais escritas pelo apóstolo. A forma literária de instrução e exortação usada por Paulo mostra que ele estava estabelecendo a maneira como as ofertas deveriam ser coletadas. Na estrutura literária do livro, o apóstolo dedica uma seção para tratar dos assuntos relacionados com a adoração cristã. Ele cita a questão do véu, da ceia do Senhor, do uso dos dons espirituais e sobre a conduta cristã. Se o primeiro dia da semana deveria ser observado pelos cristãos de Corinto, era de se esperar que o apóstolo o mencionasse nessa seção que trata da liturgia da igreja. Como o primeiro dia é mencionado dentro da estrutura literária referente a questões pessoais, chegamos à conclusão que a intenção do apóstolo não era estabelecer a guarda do domingo neste dia. Dentro da estrutura literária da perícopes encontramos o motivo e a maneira que Paulo desejava que fossem feitas as coletas. Ele menciona que elas deveriam ser levantadas para ajudar os pobres, tomando como exemplo as igrejas da Galácia. A ocasião para a coleta deveria ser no primeiro dia da

semana, em casa, para que quando o apóstolo chegasse a Corinto elas já estivessem prontas para serem enviadas para Jerusalém. Paulo novamente não menciona o aspecto litúrgico ao referir-se ao primeiro dia da semana. Na perícopre encontramos também uma figura de linguagem, a “Sinédoque da Parte”, em que Bullinger chega a conclusão que as ofertas deveriam ser levantadas durante todos os dias da semana, e não somente no primeiro dia. Se Bullinger realmente estiver correto em sua interpretação acima, reforça o argumento de que os cristãos não estavam reunidos no primeiro dia da semana em uma reunião dominical.

CAPÍTULO V

ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA E TEMÁTICA

Em nosso texto nos parece necessário analisar duas expressões chaves em grego¹. Efetuaremos, neste capítulo, um exame das palavras *θησαυριζων* e *παρ εαυτω*. Essas palavras serão analisadas primeiramente dentro do Novo Testamento, e depois dentro da perícopie e do verso onde as mesmas estão inseridas. Após essa análise apresentaremos uma pesquisa dos textos onde o primeiro dia da semana é mencionado. Essa análise contribuirá para verificarmos se outras passagens do Novo Testamento mencionam a observância do domingo entre os cristãos primitivos. Dedicamos também uma seção para pesquisarmos o texto de Ap 1:10 e outra para analisarmos os textos de 2 Co 8-9; Rm 15:25-27; At 11:29-30; 20-21; 24:17 onde Paulo faz referência a coleta para os pobres da Judéia.

Paralelo de Palavras

O verbo *θησαυριζω* pode comumente ser traduzido por “armazenar”, “poupar”, “colher”, “acumular”, “entesourar”, “ajuntar” ou “reservar”². As palavras *παρ εαυτω*

¹Aland e outros, 619.

²J. Eichler e Colin Brown, “Posses”, *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, eds. Lothar Coenen e Colin Brown, 2ª ed., 2 vols. (São Paulo: Vida Nova, 2000), 2:1708.

podem ser traduzidas por “consigo mesmo”, “em si mesmo” ou “por si mesmo”; e fazem melhor sentido no verso quando traduzidas em conjunto¹.

O verbo *θησαυριζω* aparece oito vezes no Novo Testamento². Em Mt 6:19; Mt 6:20; Lc 12:21; Rm 2:5; 1 Co 16:2; 2 Co 12:14; Tg 5:3; 2 Pe 3:7. Nesses textos o termo é geralmente traduzido por “acumular”, “juntar” ou “ajuntar” e “entesourar” na *Almeida revista e atualizada 2ª edição*³.

A preposição *παρ* no caso dativo aparece vinte e três vezes no Novo Testamento⁴. Essa preposição pode aparecer também nos casos genitivo e acusativo, portanto optamos por analisá-la somente no caso dativo, pois é nesse caso em que a mesma aparece em nosso texto de pesquisa. No caso dativo essa preposição geralmente é traduzida por “entre”, “junto a”, “com”, “enquanto a”, “em” e “para”. A palavra *εαυτω* aparece vinte e nove vezes no Novo Testamento⁵. Todas as vezes que aparece esta palavra, ela aparece como um pronome reflexivo, e geralmente é traduzida por “sí”, “sí mesmo”, “consigo

¹Paul A. Hamar, *The New Testament Study Bible Romans-Corinthians*, ed. Stanley M. Horton, 10 vols. (Chicago: R.R. Donnelley and Sons Company, 1989), 7:484.

²Jackson J. Stegenga, *Concordância Analítica Greco-Española Del Nuevo Testamento Greco-Español*, trad. Alfred E. Tuggy (Barcelona: CLIE, 1987), 764-765.

³ARA, 7, 62, 125, 146, 153, 190, 195.

⁴Mt 21:25; 22:25; Lc 9:47; 11:37; Jo 1:40; 4:40; 14:17, 23, 25; At 18:3, 20; 21:7, 8, 16; 26:8; Rm 11:25; 12:16; 1 Co 16:2; 2 Co 1:17; Ef 6:9; Cl 4:16; Tg 1:17 e Ap 2:13; Stegenga, 612.

⁵Mt 13:21; Mc 5:30; Lc 7:39; 9:47; 12:17, 21; 16:3; 18:4; 19:12; Jo 5:26; 6:61; 11:38; 13:32; At 10:17; 12:11; Rm 14:7; 15:3; 1 Co 11:29; 14:28; 16:2; 2 Co 5:18, 19; 10:7; Ef 2:15; 5:27; Fl 3:21; Tt 2:14; Hb 5:4 e 1 Jo 5:10.

mesmo”, “se” e “consigo”. A preposição *παρ*, às vezes, aparece junto com o pronome *εαυτω*. Essa é a forma grega que aparece em 1 Co 16:2, e que geralmente é traduzida por “junto de si”¹.

Tomemos como exemplo o relato de Lc 9:46-48, onde Jesus explica para os discípulos quem é o maior no reino dos céus. Diz a Bíblia que Jesus tomou uma criança e a colocou “*junto de si*” (v. 47). O termo usado nesse texto é *παρ εαυτω*.

No livro de 1 Coríntios encontramos duas referências ao pronome *εαυτω*, além daquela analisada em nossa pesquisa. A primeira encontra-se em 1 Co 11:29, onde esse pronome é traduzido por “si” e a segunda está em 1 Co 14:28, e é traduzido por “consigo mesmo”.

Análise do Verso

No texto de 1 Co 16:2, o pronome *εαυτω* é traduzido pelo termo “em casa” por João F. de Almeida, versão revista e atualizada 2ª edição. Essa tradução provavelmente tenha sido feita levando em consideração que a coleta deveria ser feita de forma privada, particular e individual, ou seja, “consigo mesmo” ou “junto de si”, como geralmente é traduzido. Outras versões pesquisadas também fazem uso do termo “em casa”, concordando assim com a interpretação acima². As versões que não fazem uso do termo

¹Stegenga, 214, 612.

²*Bíblia Sagrada, Tradução Ecumênica Brasileira [TEB]* (São Paulo: Edições Loyola, 1995), 1417; *La Santa Bíblia, Tradução Reina Valera [TRV]* (Madrid: Sociedades Bíblicas Unidas, 1960), 1447; *Bíblia Sagrada, Tradução Brasileira [TB]* (Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Brasileira, s/d.), 188.

“em casa”, usam as expressões “cada um de vós ponha de lado” [ARC] [NIV] [BJJ] ou “cada um de vós ponha de parte” [EC] [NRSV] e, portanto, transmitem também a idéia que a coleta era feita de forma particular e individualmente¹.

As interpretações acima podem ser confirmadas quando fazemos a junção das palavras *παρ* (“junto a”), *εαυτω* (“sí mesmo” ou “em casa”) e *θησαυριζων* (“juntando”), conforme aparece no texto grego². Considerando que a coleta deveria ser guardada junto ao doador, é coerente interpretarmos que as mesmas permaneceriam com ele por um determinado período de tempo. Convém ressaltarmos que a palavra que encontra-se em nosso verso está em grego no particípio presente (*θησαυριζων*) e, portanto, ela deve ser traduzida por “juntando”³. É nesse contexto que a admoestação do apóstolo faz sentido. Os doadores deveriam ir “*juntando*” as ofertas até que o apóstolo viesse para buscá-las (1 Co 16:2).

Uma pergunta poderia ser levantada em relação à interpretação acima:

Poderiam os cristãos serem admoestados a realizarem a separação de fundos em casa, porque os lugares de culto público ainda não existiam e as reuniões religiosas eram feitas em casas particulares? Esse argumento pode ser refutado pelo fato de que Paulo não

¹*Bíblia Sagrada, Revista e Corrigida [ARC]*, trad. João F. de Almeida (Rio de Janeiro: SBB, 1969), 228; *New International Version [NIV]* (Grand Rapids, MI: Zondervan Bible Publishers, 1985), 1758; *Bíblia de Jerusalém [BJJ]* (São Paulo: Edições Paulinas, 1973), 2171; *Bíblia Thompson, Edição Contemporânea [EC]* (São Paulo: Vida Nova, 1990), 1047; *New Revised Standard Version [NRSV]* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1991), 1698-1699.

²Aland e outros, 619.

³Hamar, 7:484.

somente orientou os cristãos a realizarem suas coletas em particular, mas também em uma base individual: “*junto de si*” (παρ εαυτω).

Em Corinto, provavelmente as reuniões dos cristãos eram realizadas na casa de Tício Justo¹. Quando Paulo foi impedido de pregar na sinagoga de Corinto (At 18:1, 5-6), os cristãos mudaram-se para a casa de Tício, que morava próximo da sinagoga (At 18:7), e ali permaneceu um ano e meio ensinando a Palavra de Deus (At 18:11). Conquanto, seja verdade que os cristãos reuniam-se em casas particulares (At 12:12; Rm 16:5; 1 Co 16:19; Cl 4:15; Fm 2), a admoestação de Paulo era para que os coríntios armazenassem suas dádivas cada um “consigo mesmo”, “junto de si” (παρ εαυτω), e não que eles as levassem para as reuniões domiciliares de oração.

Análise da Perícopre

Ao analisarmos a perícopre de 1 Co 16:2 verificamos que Paulo não desejava que os coríntios doassem suas ofertas quando ele chegasse. Essas dádivas deveriam ser levantadas antes da chegada dele. Por ocasião da chegada do apóstolo em Corinto, os recursos armazenados poderiam rapidamente ser recolhidos e enviados para Jerusalém. Foi por esse motivo que Paulo pediu para que os coríntios fossem “*juntando*” (θησαυριζων) suas ofertas “*em casa*”, “*consigo mesmo*” (παρ εαυτω).

Parece-nos que a intenção do apóstolo era não demorar-se em Corinto, mas apenas passar pela cidade para recolher o que os irmãos haviam doado. As mesmas instruções foram também dadas para as outras igrejas da Galácia (16:1). Provavelmente a

¹John Stott, *A mensagem de Atos* (São Paulo:ABU Editora S/C, 1994), 277.

preocupação de Paulo era a urgência para socorrer os pobres de Jerusalém, pois naquela época as viagens não eram feitas com a facilidade que dispomos hoje. Se o apóstolo demorasse em Corinto as necessidades dos pobres da Judéia também demorariam para serem atendidas.

O texto de 1 Co 16:3-4 mostra-nos que Paulo talvez precisasse acompanhar a delegação que levaria as ofertas até Jerusalém. E foi isso que realmente aconteceu. Em At 20:4 e 21:17 encontramos o relato da viagem do apóstolo à igreja de Jerusalém, juntamente com a delegação enviada pelas igrejas dos gentios.

Paralelo de Idéias

Nessa seção faremos um estudo de três tópicos: (1) Análise dos textos onde encontramos a expressão “primeiro dia da semana”; (2) um estudo do texto de Ap 1:10 onde encontramos o termo “dia do Senhor” e; (3) uma pesquisa nos outros textos escritos por Paulo referente “à coleta para os santos de Jerusalém”.

O Primeiro Dia da Semana

Ao analisarmos os textos em que encontramos a expressão “primeiro dia da semana” verificaremos se existem neles justificativas plausíveis para observância do domingo pelos cristãos primitivos. As passagens que se referem ao primeiro dia da semana são as seguintes: Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19; At 20:7 e 1 Co 16:2.

O primeiro dia da semana (ou domingo) é designado no grego neotestamentário pelas expressões *μῆν σαββατων* (Mt 28:1), *μια των σαββατων* (Mc 16:2; Lc 24:1; Jo 20:1,

19; At 20:7), πρωτη σαββατου (Mc 16:9) e μιαν σαββατου (1 Co 16:2)¹.

A expressão mais geral (μια των σαββατων), para o primeiro dia da semana, é formada em grego de dois elementos: (1) a palavra μια, numeral grego, na sua forma feminina e (2) da palavra grega σαββατων, nome neutro², que pode significar sábado ou semana³. Se a palavra μια é feminina, percebe-se logo, que não pode referir-se ao vocábulo σαββατων que é neutro. Μια sendo numeral feminino precisa concordar com outra palavra feminina e esta é ημερα, dia em grego, que está subentendida. Essa concordância gramatical leva-nos a concluir que a tradução correta e fiel da expressão original grega deve ser: “o primeiro dia da semana”.

Um exemplo do uso da palavra σαββατων no Novo Testamento referindo-se a “semana” encontra-se em Lc 18:12. O evangelista citando as palavras do fariseu, declara: “Jejuo duas vezes na semana”. Em grego a frase usada é νηστεω δις του σαββατου⁴. O homem não poderia estar afirmando que jejuava duas vezes durante um único sábado. Portanto, concluímos que ele queria dizer que jejuava duas vezes durante a semana.

Conforme vimos anteriormente a expressão “primeiro dia da semana” é usada oito vezes no Novo Testamento e foi traduzida da frase grega μια των σαββατων ou de outras, com pequenas variações, com exceção de Mc 16:9 onde a frase grega é πρωτη

¹Aland e outros, 115, 195, 196, 313, 409, 411, 497, 618.

²Pedro Apolinário, *Explicação de textos difíceis da Bíblia* (São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1980), 264.

³Aland e outros, 160.

⁴Ibid., 298.

σαββατου. Em Mc 16:9 encontramos o numeral ordinal πρωτη e o genitivo singular σαββατου, sendo que nos outros textos que mencionam “o primeiro dia da semana” encontramos o numeral cardinal μια e o genitivo plural σαββατων. Os escritores gregos podiam tanto usar o numeral cardinal quanto o ordinal, na mesma acepção, para expressarem a mesma coisa, como nos comprovam os exemplos de Mc 16:2 e 9¹.

Os quatro evangelhos mencionam seis vezes o primeiro dia da semana (Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19). Eles são unânimes em declarar que a ressurreição de nosso Senhor ocorreu nesse dia. Os observadores do domingo afirmam que a ocorrência desse acontecimento naquele dia ocasionou uma mudança do sábado do sétimo dia para o primeiro.

Um exame destes textos, porém, revela que eles não dizem absolutamente nada a respeito de uma mudança do sábado. Os textos fazem distinção entre o sábado e o primeiro dia da semana, tornando claro que o sábado do Novo Testamento é o dia anterior ao primeiro dia. Eles não outorgam nenhum título sagrado ao primeiro dia. Nada dizem eles com referência à colocação de uma benção sobre o primeiro dia. Não indicam nenhum preceito ou ordem quanto à sua observância. Nada há nestas passagens a declarar que o primeiro dia deva ser considerado pelos seguidores de Cristo como qualquer coisa a mais do que o dia comum da semana pelo qual ele é chamado – exatamente “o primeiro dia da semana”.

Em Mt 28:1, Mc 16:1-2; 9, Lc 24:1 e Jo 20:1 encontramos o relato das

¹Apolinário, 61.

mulheres que visitaram o sepulcro de Jesus na manhã do primeiro dia da semana. Esses textos apenas descrevem que elas foram ao sepulcro “levando especiarias que tinham preparado”. Nesses textos não encontramos nenhum indicativo da mudança do sábado para o domingo e nem permissão para santificá-lo. Pelo contrário, em Mc 16:1-2 diz que essas mulheres esperaram passar o sábado para então dirigirem-se até o sepulcro. Provavelmente essa espera pode ter ocorrido em virtude delas necessitarem comprar “aromas” para embalsamar o corpo de Jesus. Como a Lei judaica proibia o comércio no sábado (Êx 20:8-11), é coerente interpretarmos que elas aguardaram passar o sábado para então efetuarem suas compras. Se realmente foi esse o motivo, o texto nos mostra que era o sábado e não o domingo o dia santificado¹. Lc 24:1 nos é relatado que “no sábado”, essas mulheres, “descansaram, segundo o mandamento”².

O último texto dos evangelhos onde encontramos a frase “primeiro dia da semana” encontra-se em Jo 20:19. Crêem os cristãos que guardam o domingo que este texto lhes assegura ser uma reunião religiosa dominical, e por isso o sábado cedeu seu lugar ao domingo. Essa interpretação não se faz coerente se levarmos em consideração as seguintes razões: (1) A intenção era esconder-se. Os discípulos se ajuntaram “com medo dos judeus” e não para uma reunião religiosa regular; (2) os discípulos não criam que Jesus havia ressuscitado (Ver Mc 16:11, 13-14; Lc 24:37; Jo 20:24-27), e evidentemente não era esta uma reunião religiosa, nem dominical e; (3) Jesus também não transformou essa

¹Ver um estudo mais detalhado sobre esses textos em Bacchiocchi, 1:17-32; Gonzales, 125-127.

²ARA, 75.

reunião em cerimônia religiosa, muito menos em santa ceia. Comeu, sim, peixe assado e mel (Lc 24:38-43), para provar aos discípulos que era Ele mesmo, pois até então acreditavam estarem diante de um fantasma. A fórmula “Paz seja convosco” mencionada no texto é uma saudação oriental comum (Lc 10:5), e naquele momento Jesus a proferiu com o objetivo de acalmar os temores dos discípulos, pois se achavam em grande angústia e atemorizados¹.

Convém ressaltarmos que, embora variem as opiniões quanto às datas em que se escreveram os Evangelhos, o fato é que foram escritos depois da metade do primeiro século. Os dados sugerem que Mateus foi publicado antes do ano 70 d.C., com maior probabilidade durante os anos 60 d.C.; ao livro de Marcos é atribuído uma data anterior a 60 d.C.; o livro de Lucas provavelmente foi escrito entre os anos 75 a 85 d.C.; e o evangelho de João é comumente aceito como tendo sido escrito no período entre 80 a 85 d.C.². Essas informações são importantes, pois se o dia de repouso houvesse sido alterado, e o domingo fosse o dia santificado pelos cristãos naquela época, sem dúvida os evangelistas a ele se refeririam de modo especial. Tal, porém, não se deu. Os evangelhos não se referem a ele como dia santificado, dia de guarda, ou que devesse substituir o sábado. Referem-se apenas, incidentalmente, ao “primeiro dia da semana”.

O “primeiro dia da semana” é mencionado em mais dois lugares no Novo Testamento. O primeiro deles é no livro de Atos. Em At 20:7 encontramos o relato de uma

¹Ver um estudo mais detalhado em Christianini, 196-200.

²D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, *Introdução ao Novo Testamento*, trad. Márcio L. Redondo (São Paulo: Vida Nova, 1997), 90,111,129, 191.

reunião religiosa, a qual foi celebrada no “primeiro dia da semana”. Deve ser notado que esta é a única vez mencionada no Novo Testamento, em que uma reunião foi realizada no primeiro dia da semana. Esta passagem, contudo, também não encerra nenhuma evidência de mudança do sábado e nenhum apoio à santificação do domingo por se tratar da realização da ceia do Senhor. Foi uma reunião especial no primeiro dia, mas não uma reunião dominical¹.

Sugerimos a seguir algumas considerações para uma melhor compreensão do texto: (1) Não se pode assegurar que esta reunião foi uma santa ceia, porque “partir o pão” era um costume que os irmãos praticavam diariamente (At 2:42, 46), e não apenas no primeiro dia da semana. Essas refeições contribuía para alargar o sentimento cristão e desenvolver o amor mútuo. O texto também não menciona o uso do suco da vide e a cerimônia do lava-pés (Jo 13:1-15; 1 Tm 5:10; 1 Co 11:23-29) e; (2) Lucas emprega coerentemente o cômputo judaico do tempo em sua narrativa. Outras passagens escritas pelo próprio Lucas esclarecem que, mesmo sendo de origem gentílica, fazia uso desse cômputo para demarcar o tempo (Lc 2:8; 4:40; 23:44; 24:29; At 2:15; 3:1; 10:3, 9; 23:23). Segundo tal sistema, o primeiro dia começava na noite de sábado, ao pôr-do-sol. À noite do primeiro dia no qual a reunião ocorreu, corresponderia então ao nosso sábado à noite. Paulo, que teria de partir no dia seguinte, desejou usufruir da presença dos discípulos e isso se estendeu até à meia-noite (logicamente do sábado). Entretanto, foi uma reunião accidental cujo motivo principal era o fato de ter Paulo que se ausentar dos irmãos no dia

¹Bacchiocchi, 48.

seguinte (At 20:11). Convém observarmos que caso admitamos que a reunião se deu no domingo (segundo o cômputo romano), por conseguinte a ceia teria ocorrido na segunda-feira e não no domingo, pois Paulo a realizou após a meia-noite (v. 7 e 11)¹.

A última referência bíblica ao “primeiro dia da semana” encontra-se no texto da nossa pesquisa (1 Co 16:2). Uma provável razão pela qual Paulo escolheu o primeiro dia da semana para a separação dos fundos em Corinto encontra-se no livro *Subtilezas do Erro*, de A. B. Christianni. Nesse livro, o autor diz que no sábado findava-se a semana e os cristãos eram providentes e organizados. Eles tinham por costume, no início da semana, logo no seu primeiro dia, planejarem suas atividades seculares e considerarem os gastos para a nova semana. Uma questão de contabilidade doméstica. Paulo lhes recomenda que, ao fazerem a costumeira previsão, no início da semana, não se esquecessem de separar, se possível, os recursos para os pobres de Jerusalém².

O Dia do Senhor

Além dos textos mencionados acima, Ap 1:10 é uma outra referência bíblica que os comentaristas citam constantemente para argumentar em favor da guarda do domingo. Eles alegam que o “dia do Senhor” no qual o apóstolo João foi “arrebato em espírito” não é outro senão o domingo.

¹Ver um estudo mais completo sobre o texto em Christianini, 205-210. Para uma discussão do uso do cômputo judaico por Lucas, ver Bacchiocchi, 37-44.

²Christianini, 212.

A expressão grega utilizada para “dia do Senhor” é κυριακή ημέρα¹. Esta expressão aparece esta única vez na Bíblia, e não deixa dúvida alguma de que o profeta se refere a um dia de propriedade do Senhor, desde que o vocábulo κυριακή é adjetivo possessivo que está determinando o substantivo ημέρα – dia, como posse². João faz alusão a um dia semanal que, antes da visão, ele considerava como “dia do Senhor”, propriedade do Senhor. A que dia está se referindo o apóstolo com esta afirmação?

A história eclesiástica nos confirma que os pais da igreja fizeram longo uso da expressão κυριακή ημέρα para o primeiro dia da semana. Por esta razão muitos estudiosos argumentam que κυριακή ημέρα, em Ap 1:10, também se refere ao domingo e que João não apenas recebeu sua visão naquele dia, mas também o reconheceu como o “dia do Senhor”, pelo fato de naquele dia o Senhor haver ressuscitado dos mortos.

De acordo com o *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia*, existem razões tanto negativas como positivas para a rejeição desta interpretação. A primeira é o reconhecimento do princípio do método histórico que declara que uma alusão deve ser interpretada somente em termos da evidência que lhe antecede no ponto de vista do tempo, ou que lhe seja contemporânea e não por dados históricos de um período posterior. Este princípio tem um aspecto importante no problema do significado da expressão “dia do Senhor” como aparece na presente passagem. Embora este termo ocorra freqüentemente nos Pais da Igreja com a significação de domingo, a primeira evidência conclusiva de tal

¹Aland e outros, 837.

²Apolinário, 88.

uso não aparece senão na última parte do segundo século, no apócrifo Evangelho Segundo Pedro (9-12), onde o dia da ressurreição de Cristo é denominado “dia do Senhor”. Desde que este documento foi escrito quase cem anos após João ter escrito o Apocalipse, ele não pode ser apresentado como prova de que a frase “dia do Senhor” no tempo de João se refere ao domingo¹.

Conforme comentário acima, notamos que no apócrifo Evangelho de Pedro, escrito várias décadas mais tarde, o dia da ressurreição é designado não como “primeiro dia da semana”, mas como “dia do Senhor”. Se o domingo já houvesse recebido o novo título “dia do Senhor” por volta do final do primeiro século, quando o Evangelho de João (80 d.C.) e o livro do Apocalipse (70 d.C.) foram escritos, esperaríamos que este novo nome para o domingo fosse usado coerentemente em ambas às obras, especialmente porque foram aparentemente produzidas pelo mesmo autor, aproximadamente na mesma época e na mesma área geográfica². Se um novo termo empregado é mais facilmente compreendido, um escritor não confunde seus leitores com designações arcaicas. Portanto, o fato de que a expressão “dia do Senhor”, usada no Novo Testamento somente por João, ocorre em seu livro apocalíptico, mas não em seu Evangelho, onde o primeiro dia é explicitamente mencionado juntamente com a ressurreição (Jo 20:1) e as aparições de Jesus (Jo 20:19, 26), enfraquece a reivindicação de que João deseja indicar especificamente o dia em que a comunidade cristã celebra igualmente a sua liturgia.

¹“Día del Señor” [Ap 1:10], *CBASD*, 7:752.

²D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, 191 e 530.

O fato de em fins do segundo século da era cristã surgirem escritos aludindo ao primeiro dia da semana como sendo o “dia do Senhor”, não autoriza a dogmatizar que João também se referia ao domingo. Além do mais, um profeta ter uma visão em determinado dia não significa que tal dia deva ser guardado. A santidade de um dia repousa em base mais sólida, fundamenta-se num claro “assim diz o Senhor”.

Tendo analisado a posição anterior, nossa atenção se fixará na declaração de que o sábado é o “dia do Senhor”.

Após os seis dias da criação, Deus reservou o sétimo dia para si, colocando sobre ele a Sua benção e reclamando-o como Seu santo dia (Gn 2:2-3). A Bíblia está repleta de declarações convincentes de que o sábado é o dia do Senhor, destacando-se entre estas por sua clareza as seguintes: Êx 16:23; 20:8-11; 31:13, 17; Lv 23:3; Is 56:6; 58:13; Ez 20:12, 20; Mt 12:8; Mc 2:28. Assim, quando a frase “dia do Senhor” é interpretada de acordo com as evidências anteriores, torna-se evidente que não há referência a nenhum outro dia a não ser o sábado ou o sétimo dia da semana.

Convém ressaltarmos que além das duas interpretações acima com relação ao “dia do Senhor”, outros três posicionamentos também são mantidos pelos comentaristas. São eles: (1) Abrange toda a dispensação cristã e não qualquer particular dia de vinte e quatro horas; (2) refere-se ao dia do juízo e; (3) refere-se ao dia do imperador. O comentarista Pedro Apolinário apresenta um estudo mais detalhado desses posicionamentos e as razões para se rejeitar essas interpretações¹.

¹Ver estudo mais detalhado sobre esses posicionamentos em Apolinário, 88-89.

Outro argumento que reforça a interpretação do “dia do Senhor” como sendo o sábado bíblico é que o próprio Cristo e Seus discípulos tinham por costume reunirem-se para adorar a Deus nesse dia. Cristo freqüentava a sinagoga no sábado (Lc 4:16) e proclamava ser o “Senhor do sábado” (Mt 12:8; Mc 2:28). Durante todo o Seu ministério terrestre, Jesus exemplificou diante de nós a fiel observância do sábado. Sua participação nos serviços sabáticos revela o endosso que Ele ofereceu a esse dia como dia de adoração.

Os discípulos também respeitavam grandemente o sábado. Isso se tornou evidente por ocasião da morte de Cristo. Ao chegar o sábado, interromperam os preparativos do sepultamento e “no sábado, descansaram, segundo o mandamento”, pretendendo prosseguir com seus afazeres no domingo, o “primeiro dia da semana” (Lc 23:56; 24:1). Assim como fizera Cristo, os discípulos adoraram no sábado do sétimo dia.

Em suas viagens evangelísticas, Paulo freqüentava as sinagogas no dia de sábado e pregava a Cristo (At 13:14; 17:1-2; 18:4). Os judeus e os prosélitos o convidavam para pregar a palavra de Deus no sábado (At 13:42 e 44). Nas localidades em que não havia sinagoga, ele procurava um lugar adequado para a adoração sabática (At 16:13). Portanto, se o mesmo apóstolo estivesse escrito 1 Co 16:2 para apoiar a doutrina da guarda do domingo, estaria se contradizendo.

Em parte alguma autoriza a Bíblia a mudança do dia de adoração que Deus instituiu no Éden e reafirmou no Sinai. Outros cristãos, eles próprios observadores do domingo, reconhecem isso. O cardeal católico Tiago Gibbons escreveu em certa oportunidade: “Você poderá ler a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse, e não encontrará uma

única linha autorizando a santificação do domingo. As Escrituras ordenam a observância religiosa do sábado¹.

A. T. Lincoln, um protestante, admite que “não se pode argumentar que o Novo Testamento, por si mesmo, provê apoio para a crença de que desde a ressurreição Deus indicou o primeiro dia da semana para ser observado como sábado. Tornar-se observador do sábado do sétimo dia é o único curso de ação consistente para qualquer pessoa que sustente possuir todo o Decálogo, a força de lei moral”².

Conforme vimos, a Bíblia não revela que o primeiro dia da semana ou o domingo deve ser guardado em comemoração da ressurreição de Cristo neste dia. Convém salientarmos que nas Escrituras é a cerimônia do batismo que é identificada como um ato simbólico da morte e ressurreição de Cristo, e não o primeiro dia da semana. Em Rm 6:3-6 lemos: “Ou, porventura, ignorais que todos nós fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com Ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com Ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos” (ver também Cl 2:22; 3:1).

¹James Gibbons, *The Faith of Our Fathers*, 47ª ed. (Baltimore: John Murphy & Co., 1895), 111-112.

²Andrew T. Lincoln, “From Sabbath to Lord’s Day: A Biblical and Theological Perspective” in *From Sabbath to Lord’s Day: A Biblical, Historical and Theological Investigation*, edição de D. A. Carson (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982), 386.

A Coleta Para os Santos de Jerusalém

Em At 11:27-29 encontramos a primeira referência bíblica sobre uma ajuda prestada aos irmãos que habitavam na Judéia. A profecia de Ágabo (v. 28) encorajou os cristãos de Antioquia a enviar uma coleta em dinheiro para capacitar seus irmãos na Judéia a comprarem estoques de gêneros alimentícios para enfrentar a crise vindoura. Essa ajuda foi enviada por intermédio de Paulo e Barnabé por volta do ano 46 AD, por ocasião da segunda viagem de Paulo a Jerusalém¹.

Em 1 Co 16:1-4 encontramos o relato de uma segunda coleta para socorrer os pobres de Jerusalém. Esse levantamento de fundos provavelmente ocorreu por volta dos anos 53 a 56 AD, durante a terceira viagem de Paulo a Jerusalém².

Além de 1 Co 16:1-4, essa segunda coleta encontra-se também registrada em 2 Co 8-9; Rm 15:25-27 e At 20-21; 24:17. A questão da coleta para os santos pobres de Jerusalém parecia extremamente importante para o apóstolo Paulo. Sem dúvida ele esperava poder insuflar uma maior unidade na igreja em geral, como também esperava que a missão evangelizadora dos gentios, por parte da igreja, poderia ser vista de um ângulo melhor pela igreja de Jerusalém. Essa coleta vinha sendo feita voluntariamente pelas igrejas, em boa atitude de contribuição, que são elementos que emprestam valor a qualquer oferta³.

¹Champlin, 3:240-241; Stott, 231-232.

²Champlin, 4:275.

³Ver um estudo sobre a questão em Champlin, 4:371-388; 3:449-451, 498, 867-868.

Na segunda epístola aos Coríntios 8:1-9:15, Paulo desejava que os Coríntios seguissem as mesmas instruções dadas às igrejas da Galácia. As instruções dadas aos coríntios e aos macedônios confirmam a maneira como Paulo desejava que as coletas fossem preparadas. À época em que 2 Coríntios fora escrita, Paulo entrara em contato com as igrejas macedônias, as quais lhe solicitaram participarem da assistência aos santos de Jerusalém, de modo que Paulo agora usa seu exemplo de generosidade a fim de estimular os coríntios a executarem o que anteriormente demonstraram estarem prontos para fazer (8:1-7; 1 Co 16:1-4), da mesma forma que ele havia usado o exemplo da prontidão dos coríntios a fim de motivar os macedônios (9:1-5). Ao elogiar a prontidão coríntia, Paulo enfatizou não apenas sua solicitude, mas também a confiança que ele, Paulo, depositava nos coríntios, em que eles teriam suas contribuições prontas quando ele chegasse com os demais para apanhá-las.

Agora, todavia, ele se preocupa; neste último aspecto talvez eles falhem. Caso isso viesse a acontecer, as conseqüências seriam embaraçosas. A fim de evitar a humilhação, Paulo julgou conveniente enviar Tito e mais dois obreiros na frente (8:16-24), de modo que preparassem de antemão a dádiva, pois caso os macedônios fossem com Paulo não encontrariam os coríntios despreparados.

De fato, alguns macedônios foram a Corinto, e se incluíram entre as pessoas que acompanharam Paulo dessa cidade até Jerusalém. Três macedônios são mencionados pelo nome: Sópatro de Beréia, Aristarco e Secundo (At 20:2-6). Se quando esses macedônios chegassem a Corinto encontrassem os cristãos dali despreparados, a vergonha e o constrangimento de Paulo teria sido agudo; mais aguda ainda seria a humilhação que os

próprios coríntios haveriam de sofrer. Paulo queria evitar que se fizesse uma coleta apressada. Quando ele próprio chegasse a contribuição dos coríntios deveria ser uma expressão de generosidade, e não de avareza. À luz de 2 Co 9:5-7, o modo de contribuir deveria ser de “antemão” (planejada), não com “tristeza”, mas com regozijo, pois “Deus ama a quem dá com alegria”.

Em Rm 15:25-27, Paulo desvenda seus planos imediatos de visitar Jerusalém, levando às dádivas que as igrejas tinham levantado para os crentes daquela região. A menção à citada coleta, no presente versículo, talvez tenha tido a finalidade de obter a contribuição dos crentes romanos. Paulo tinha muitas apreensões relativas à sua desejada viagem à Jerusalém, conforme relatados nos versículos posteriores do mesmo capítulo, mas essa oferta se revestia de capital importância para ele. Por essa razão, estava disposto a enfrentar todos os perigos, contanto que pudesse levar sua viagem a uma conclusão feliz e bem-sucedida. Paulo menciona aqui os cristãos da Macedônia e Acaia provavelmente porque passara três meses em estreito contato com eles (At 20:3). Mas temos o seu próprio testemunho em 1 Co 16:1 de que tinha organizado uma coleta semelhante nas igrejas da Galácia, e a presença de Tíquico e Trófimo ao lado dele nessa ocasião (At 20:4) indica que as igrejas de Éfeso e de outras localidades da província asiática também tinham partilhado deste serviço.

A contribuição era um gesto voluntário da parte das igrejas gentílicas; contudo era o reconhecimento de uma dívida – dívida moral. Em Rm 15:27 o apóstolo lembra os gentios que eles são “devedores” para com os crentes de Jerusalém, pois eles “têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus”, e agora deveriam reconhecer essa dívida

moral servindo-os “com bens materiais”. Paulo sustentou com persistência o mérito histórico da comunidade primitiva judaica. Foi ela que entregou o evangelho ao mundo dos gentios, e em reciprocidade pelas grandes dádivas espirituais que eles haviam recebido dos santos de Jerusalém, certamente deveriam corresponder ofertando-lhes seus “bens materiais”.

Com certeza, foi essa natureza simbólica da oferta que causou tanta preocupação em Paulo. Ele queria ter certeza de que ela não seria mal interpretada, talvez como uma tentativa de comprar o seu favor, e que a sua aceitação não fosse entendida como um tipo de capitulação dos cristãos judeus diante da postura pró-gentílica de Paulo. Foi por isso que Paulo rogou que os cristãos romanos orassem com ele para que o seu serviço em Jerusalém fosse “bem aceito pelos santos” (Rm 15:31).

Em At 20-21, encontramos o relato da viagem realizada por Paulo até Jerusalém com o objetivo de assegurar a entrega da referida coleta aos crentes necessitados. Grande parte do livro de Atos se ocupa em historiar os detalhes finais da vida de Paulo, conforme conhecemos sobre os mesmos nas Escrituras. Sua viagem, a caminho de Jerusalém, incluiu lugares como Trôade (20:7), Assôs (20:13), Mitilene (20:14), Quios, Samos, Mileto (20:15), Cós, Rodes, Pátara (21:1), Chipre, Síria, Tiro (21:3), Ptolemaida (21:7) e Cesaréia (21:8).

Uma parte dessa seção do livro de Atos é utilizada por Paulo em defesa de seu sustento no ministério apostólico. Uma das acusações mais amargas, maliciosas e sem fundamento que foi levantada contra Paulo, por parte dos falsos mestres, é que ele saía por todas as igrejas a recolher a coleta para os santos pobres de Jerusalém, mas, na realidade

tencionava ficar com o dinheiro (2 Co 12:17). Conquanto seja verdade que aqueles que pregam o evangelho e ensinam a doutrina cristã “vivam do evangelho” (1 Co 9:14), tal como nos tempos do Antigo Testamento, os sacerdotes levíticos eram sustentados das coletas feitas no templo de Jerusalém (Dt 18:1-8), Paulo, juntamente com Barnabé, demonstrou através de sua profissão como fabricante de tendas, que não visava tirar proveito de sua posição de apóstolo de Cristo, não querendo tirar disso o seu sustento. Por isso que ele é enfático ao dizer em At 20:33 que de ninguém havia cobiçado “prata, nem ouro, nem vestes”.

Em At 24:17 Paulo faz menção novamente a sua viagem à Jerusalém e a coleta recolhida entre as igrejas gentílicas. A última visita de Paulo a Jerusalém havia tido lugar ao concluir sua segunda viagem missionária (At 18:21-22). Paulo explica de forma específica nesse texto o propósito do seu regresso à Jerusalém. Sua chegada estava em harmonia com sua determinação de servir a Deus e seus semelhantes. Não havia chegado para perturbar o seu povo, mas para beneficiá-los com as “esmolas” e “oferendas” trazidas para os necessitados da nação judaica.

Conforme vimos nessa seção o motivo principal do levantamento das ofertas, registradas nos escritos de Paulo, estava relacionada com uma ajuda assistencial aos pobres de Jerusalém. Foi uma campanha específica realizada pelo apóstolo entre às igrejas da Galácia. Sua preocupação era assisti-los em suas necessidades humanitárias demonstrando o interesse comunitário dos gentios para com os judeus, e não determinar um dia em que o cristão deve observar.

Conclusão Parcial

No paralelismo de palavras analisamos os termos *παρ εαυτω* e *θησαυριζω*. Vimos que o verbo *θησαυριζω* pode ser traduzido por “armazenar”, “poupar”, “colher”, “acumular”, “entesourar” ou “ajuntar” e as palavras *παρ εαυτω* por “consigo mesmo”, “em si mesmo” ou “por si mesmo”. Na análise do verso pudemos ver que a tradução dos termos citados acima (*παρ εαυτω* e *θησαυριζω*) favorece a interpretação que a coleta deveria ser feita de forma particular (*em casa*). Vimos também que a palavra *θησαυριζω* em 1 Co 16:2 encontra-se, em grego, no particípio presente (*θησαυριζων*) e, portanto, ela deve ser traduzida por “juntando”. Ao analisarmos a perícopé descobrimos que Paulo não desejava que as coletas fossem feitas quando ele chegasse, mas antecipadamente. Quando o apóstolo chegasse apenas reuniria as ofertas e enviaria para Jerusalém.

No paralelo de idéias analisamos os textos que citam a frase “primeiro dia da semana” no Novo Testamento. Através dessa análise verificamos se existem nesses textos justificativas plausíveis para observância do domingo pelos cristãos primitivos. As passagens que se referem ao primeiro dia da semana são as seguintes: Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19; At 20:7 e 1 Co 16:2. Nessa análise não encontramos nenhuma evidência que o primeiro dia deveria ser considerado pelos seguidores de Cristo como qualquer coisa a mais do que um dia comum da semana.

Conforme A. B. Christianini, o primeiro dia da semana foi escolhido pelo apóstolo para a separação dos fundos, por que os cristãos tinham por costume no início da semana, logo no seu primeiro dia, planejarem suas atividades seculares, e considerarem os gastos para a nova semana. Ao fazerem a costumeira previsão, no início da semana, não

deveriam esquecer de separar, se possível, os recursos para os pobres de Jerusalém. Se a posição de Christianini estiver correta, essa é uma provável razão para se fazer a coleta nesse dia.

Além dos textos analisados onde encontra-se a frase “primeiro dia da semana”, realizamos também uma pesquisa em Ap 1:10. Essa pesquisa mostrou que o “dia do Senhor” mencionado nesse texto identifica-se mais com o sábado bíblico do que com o domingo. Essa interpretação foi reforçada pelo fato de encontrarmos no Novo Testamento evidências de que Cristo e Seus discípulos tinham por costume observar o sábado.

Outros textos de Paulo onde encontramos referência à coleta levantada pelos cristãos foi analisado também (2 Co 8-9; Rm 15:25-27 e At 20-21; 24:17). Vimos que a menção dessa coleta visava atender uma necessidade específica da igreja de Jerusalém, e não estabelecer um dia para o culto cristão.

CAPÍTULO VI

REAÇÃO CRÍTICA E REFLEXÃO TEOLÓGICA

Após termos analisado o texto e abordado os seus problemas, refletiremos aqui sobre as implicações das descobertas feitas ao longo da pesquisa, e nos posicionaremos também, a partir dos dados encontrados, em relação as diferentes propostas de interpretações do texto apresentadas no primeiro capítulo.

Reação Crítica

Os autores que consideram que Paulo orientou os cristãos a efetuarem suas ofertas no primeiro dia da semana, por ser esse um dia apropriado para o culto cristão, desconsideram sete aspectos abordados nesse estudo:

Primeiro: Que as ofertas deveriam ser levantadas para um fim específico, ou seja, para socorrer os pobres necessitados da Judéia. As ofertas deveriam ser doadas por um determinado período, ou seja, até que Paulo e seus companheiros chegassem para levá-las a Jerusalém. Essas instruções foram dadas para solucionar um problema de ordem assistencial. Não se tratava de ofertas levantadas para a igreja local.

Segundo: Que o objetivo de Paulo ao mencionar o primeiro dia da semana, não é estabelecer um dia de adoração para os cristãos, mas estabelecer um plano sistemático de ofertas nesse dia, em que ele julgou ser o melhor dia para separar uma certa quantia para

ajudar os pobres. Nesse dia iniciava-se a semana, e os cristãos poderiam, antes de usar o dinheiro para os gastos pessoais, separar sua dádiva para socorrer os pobres. Convém ressaltarmos que se os cristãos já adorassem a Deus no primeiro dia da semana e tivessem por costume levar suas ofertas na igreja nesse dia, não haveria necessidade do apóstolo novamente mencioná-lo em suas instruções. O fato de Paulo especificar o dia em que as ofertas deveriam ser levantadas demonstra que os cristãos não tinham por hábito adorarem a Deus nesse dia.

Terceiro: As palavras *παρ εαυτω* e *θησαυριζων* encontradas no texto grego de 1Co 16:2, demonstram que as ofertas deveriam ser armazenadas com o próprio doador. Conforme vimos, *θησαυριζων* pode ser traduzido por “acumulando”, “entesourando”, e *παρ εαυτω* por “consigo mesmo”, “por si mesmo”, “junto de si”. Está implícito nesse estudo que as ofertas deveriam ser acumuladas em casa e não levadas a igreja como forma de adoração a Deus.

Quarto: Outros textos onde o “primeiro dia da semana” é mencionado (Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19; At 20:7) não trazem evidências que esse dia era guardado pelos cristãos. Onde o primeiro dia da semana é mencionado, ele não passa de um dia comum da semana.

Quinto: No Novo testamento encontramos muitas evidências que Cristo e Seus seguidores, inclusive o apóstolo Paulo, guardavam o sábado bíblico e não o primeiro dia da semana (Mt 24:20; Lc 4:16; 23:56; 24:1; At 13:14, 42, 44; 16:13; 17:1-2; 18:4).

Sexto: A mudança do sábado para o domingo, como dia de adoração, ocorreu gradualmente. Não existem evidências de santificação semanal do domingo por parte dos

cristãos antes do segundo século. A igreja de Roma, composta em grande medida de crentes gentios (Rm 11:13), liderou a tendência no tocante à adoração dominical. As leis dominicais foram impostas pelo imperador Constantino por volta do quarto século.

Sétimo: Aqueles que crêem que devemos guardar o domingo porque Cristo ressuscitou nesse dia, esquecessem que como ato simbólico comemorativo da ressurreição de Cristo foi instituído o batismo e não a adoração do primeiro dia da semana (Rm 6:3-6; Cl 2:22, 3:1).

Por outro lado, os autores que afirmam que Paulo orientou os cristãos de Corinto a realizarem a separação de fundos em casa, de forma individual e privativa, para ajudar os pobres de Jerusalém e não para estabelecer um dia de culto cristão, se enquadram dentro do grupo que aceitam pelo menos em parte os dados apresentados acima e, portanto, interpretam o texto de forma coerente com outras partes das Escrituras onde Paulo trata do mesmo assunto.

Reflexão Teológica

A teologia da epístola de 1 Coríntios baseia-se em questões relativas à conduta cristã. Muitas de suas recomendações práticas foram dadas para o desenvolvimento e o amadurecimento das virtudes cristãs. Uma das contribuições teológicas que pode ser extraída de nossa pesquisa em 1 Co 16:2, está diretamente relacionada com a virtude cristã da generosidade. O plano estabelecido por Paulo para ajudar os pobres e necessitados tem como objetivo desenvolver a generosidade cristã entre os irmãos. É um dos principais fatores para a alegria e a saúde mental. Toda dádiva que se entrega levando em conta a

glória de Deus e a felicidade de outros redundará em bençãos para o doador. A generosidade permeia toda à Bíblia e tem sua origem em Deus. Muito antes de Paulo estabelecer esse plano generoso, Deus havia orientado o povo de Israel quanto o cuidado dos necessitados (Dt 15:11; 24:14). No Novo Testamento o mesmo conselho é encontrado em textos como os de At 20:35; Ef 4:28; Tt 3:14 e Tg 2:15. O plano estabelecido por Paulo é encontrado também em outras porções das Escrituras, demonstrando assim que a ajuda aos necessitados era também uma oportunidade para o crescimento no serviço abnegado.

Além do aspecto humanitário apresentado por Paulo, poderíamos ressaltar também o cuidado do apóstolo ao lidar com as finanças da igreja, especialmente quanto ao envio da coleta até Jerusalém. Assim como o apóstolo, os pastores e os demais líderes da igreja deveriam reconhecer que o dinheiro dado a Deus deve ser administrado com fidelidade e transparência. Quando os membros notam a precária administração financeira da igreja, as doações invariavelmente diminuem. Por outro lado, quando o pastor e os líderes são considerados despenseiros cuidadosos e fiéis, aumentam tanto a confiança como as dádivas.

Outra contribuição teológica, que pode ser extraída de nossa pesquisa, é a confirmação bíblica da continuidade da observância do sábado no Novo Testamento. O sábado foi instituído e oferecido ao homem como algo muito precioso, como um bem, um favor divino. Não foi feito para os judeus somente. O sábado foi estabelecido a mais de dois mil anos antes de haver um único judeu. Não devemos deixar-nos arrastar pela opinião comum de que o sábado é mera instituição judaica, que foi abolido ou anulado por Cristo. Não encontramos passagens das Escrituras que prove isso. Todos os casos em que

nosso Senhor Se refere ao sábado, fala contra as opiniões errôneas que os fariseus propagaram a respeito de Sua observância. O Salvador despojou o sábado das tradições judaicas, ensinando-os como o mesmo deveria ser guardado. No Novo Testamento Cristo não argumenta se o sábado deve ou não deve ser guardado. Esse aspecto estava bem definido em sua vida quando engrandeceu e exaltou o dia de sábado (Lc 4:16; Mc 2:27-28). Portanto, essa pesquisa contribuiu para reafirmar a observância do sábado bíblico.

CONCLUSÃO

Finalizamos nossa pesquisa resumindo as principais descobertas feitas ao longo de nosso trabalho e as implicações que essas descobertas tiveram para a definição do problema apresentado na introdução.

No primeiro capítulo, realizamos uma revisão de Literatura, e descobrimos que os autores se dividem em dois grupos em relação ao texto pesquisado. O primeiro grupo interpreta 1 Co 16:2 como sendo uma evidência que as ofertas levantadas foram na igreja e, portanto, comprova que os cristãos primitivos se reuniam no primeiro dia da semana para adorar a Deus. O segundo grupo, interpreta o verso como sendo um plano sistemático de ofertas para socorrer os pobres de Jerusalém, e que o apóstolo não estava preocupado em estabelecer o primeiro dia da semana como um dia de adoração, pois as ofertas deveriam ser acumuladas em casa, junto com cada doador.

No capítulo dois, verificamos que a perícopes onde nossa passagem encontra-se é em 1 Co 16:1-4. Analisando o texto de nossa pesquisa verificamos que o mesmo não possui variantes textuais. Apresentamos também, nesse capítulo, uma tradução do texto de nossa perícopes que acreditamos ser a mais coerente com o texto grego.

No capítulo três, vimos que a maioria dos teólogos concordam que a autoria de 1 Coríntios é do apóstolo Paulo, e que a carta foi escrita entre os anos de 54 à 57 AD. Essa carta foi escrita da cidade de Éfeso e o propósito da carta era resolver problemas

doutrinários que estavam minando à fé dos crentes de Corinto. O contexto específico de nossa perícopes tem por objetivo demonstrar que através desse plano sistemático de ofertas, o apóstolo desejava estreitar os relacionamentos entre os judeus e os gentios, como também socorrer os necessitados da igreja de Jerusalém. Em relação aos pobres de Jerusalém vimos que eram cristãos judeus que haviam sofrido perseguições e opressões econômicas, e que por isso precisavam de ajuda das igrejas mais abastadas. Nesse capítulo descobrimos também que o surgimento da guarda do domingo ocorreu muitas décadas após as instruções dadas pelo apóstolo. Não existem evidências históricas que os cristãos guardavam o domingo antes do segundo século. Foi a igreja de Roma que liderou a tendência no tocante à adoração do domingo.

No capítulo quatro, destinado a analisar o contexto literário, verificamos que o gênero literário dessa carta encontra-se entre as “epístolas gerais” do apóstolo. A sua forma literária é do tipo “instrutiva” e “exortativa”. Na perícopes encontramos também uma figura de linguagem do tipo “Sinédoque da Parte”. Vimos que se Bullinger estiver correto com a aplicação da mesma, os cristãos então deveriam separar suas ofertas cada dia da semana, e não apenas no primeiro dia. Nesse capítulo, apresentamos também uma estrutura literária da carta, dividida em sete partes distintas. Nessa estrutura Paulo dedica uma seção para tratar de temas relacionados com a liturgia da igreja. Se o domingo era guardado pelos cristãos de Corinto, o apóstolo provavelmente o teria incluído nessa seção litúrgica.

No capítulo cinco, destinado a seção léxico-sintática e temática analisamos as palavras gregas *θησαυριζω* e *παρ εαυτω*, e descobrimos que a primeira delas geralmente é traduzida como “armazenar”, “poupar”, “acumular”, “entesourar” ou “reservar”, e que as

outras duas podem ser traduzidas por “consigo mesmo”, “em si mesmo” ou “junto de si”. Ao analisarmos o verso de 1 Co 16:2 descobrimos que, de acordo com as instruções de Paulo, as ofertas deveriam ser separadas em casa, de forma particular, e não na igreja. Na seção destinada ao estudo da perícopa vimos que Paulo desejava que as ofertas fossem recolhidas antes da sua chegada em Corinto. Foi por esse motivo que o apóstolo instruiu os coríntios a separarem suas ofertas antecipadamente. O verbo *θησαυρίζω* no participio presente (*θησαυρίζων*, “*juntando*”) reforça a instrução do apóstolo. Nesse capítulo realizamos também uma análise de todos os textos do Novo Testamento onde se encontra a frase “primeiro dia da semana”, e não encontramos nenhuma evidência que os cristãos primitivos guardavam o domingo. Conforme A. B. Christianini, o primeiro dia da semana foi escolhido pelo apóstolo para a separação dos fundos, por que os cristãos tinham por costume no início da semana, logo no seu primeiro dia, planejarem suas atividades seculares, e considerarem os gastos para a nova semana. Ao fazerem a costumeira previsão, no início da semana, não deveriam esquecer de separar, se possível, os recursos para os pobres de Jerusalém. Se a posição de Christianini estiver correta, essa é uma provável razão para se fazer à coleta nesse dia. Além desses textos foi pesquisado também o texto de Ap 1:10, em especial o termo “dia do Senhor”. Descobrimos que a frase “dia do Senhor” identifica-se mais com o sábado bíblico do que com o domingo. Essa posição foi reforçada pelo fato de encontrarmos no Novo Testamento evidências de que Cristo e Seus discípulos tinham por costume observar o sábado. Outros textos de Paulo, onde encontramos referência à coleta levantada pelos cristãos, foram analisados também (2 Co 8-9; Rm 15:25-27 e At 20-21; 24:17). Vimos que a menção dessa coleta visava atender

uma necessidade específica da igreja de Jerusalém, e não estabelecer um dia para o culto cristão.

No capítulo seis, após termos uma melhor compreensão sobre o assunto, apresentamos uma reação crítica em relação às duas interpretações do texto apresentadas no primeiro capítulo. Descobrimos também, nesse capítulo, que nosso trabalho contribuiu teologicamente para motivar-nos a sermos generosos na ajuda aos necessitados, a administrarmos com fidelidade os recursos financeiros da igreja, como também clarificar e aprofundar nossos conhecimentos a respeito da doutrina do sábado bíblico.

À luz das descobertas feitas em nossa pesquisa, chegamos a algumas conclusões específicas do texto de 1 Co 16:2, e que descrevemos a seguir para concluirmos nosso trabalho: (1) Não se tratava de culto nem reunião de espécie alguma no primeiro dia da semana; (2) as coletas não eram feitas na igreja; (3) as coletas não eram parte do culto nem se destinava a igreja local; (4) era uma separação de recursos que cada um devia fazer, individualmente, no primeiro dia da semana (planejamento financeiro familiar); (5) as coletas deviam ser feitas de acordo com a prosperidade de cada um e de forma espontânea; (6) quando Paulo fosse a Corinto, cada um lhe entregaria o total de sua separação semanal, que o apóstolo levaria ou mandaria para os crentes pobres da Judéia; (7) Paulo não gostaria que as coletas fossem feitas no dia em que ele chegasse, para que não causasse constrangimento nos doadores por estarem despreparados (2 Co 9:4) e (8) Paulo estabeleceu um plano sistemático de ofertas para assegurar uma coleta substancial aos pobres de Jerusalém.

Tentar aplicar outras interpretações ao texto, além daquelas descritas pelo apóstolo, é não respeitar o contexto bíblico tanto da perícopé, do livro de 1 Coríntios e do Novo Testamento como um todo.

BIBLIOGRAFIA

- Aland, Kurt e outros. *The Greek New Testament*. 3ª edição. Westphalia: United Bible Societies, 1975.
- Andrews, John N. *History of the Sabbath and First Day of the Week*. 2ª edição. Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Assn., 1873.
- Apolinário, Pedro. *Explicação de textos difíceis da Bíblia*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1980.
- Bacchiocchi, Samuelle. *Do sábado para o Domingo*. 5 vols. Roma: Pontificia Universidade Gregoriana de Roma, 1990.
- Bailey, James L. e Lyle D. van der Broek. *Literary Forms in the New Testament*. Louisville, KY: Westminster e John Knox Press, 1992.
- Barnes, Albert. *Notes on the New Testament Explanatory and Practical*. ed. Robert Frew. 11 vols. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1967.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.
- Bíblia Sagrada*. Revista e Atualizada. 2ª edição. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia Sagrada*. Revista e Corrigida. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- Bíblia Sagrada*. Tradução Brasileira. Rio de Janeiro: SBB, s/d.
- Bíblia Sagrada*. Tradução Ecumênica Brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- Bíblia Thompson*. Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida Nova, 1990.
- Brown, Raymond Bryan. “Introdução e comentário sobre o texto de I Coríntios”. *Comentário bíblico Broadman*, ed. Clifton J. Allen, 10:337-463. 2ª edição. Traduzido por Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

- Bruce, F. F. “Seção introdutória”. *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ed. Merrill C. Tenney, 1:964-972. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1975.
- Bullinger, E. W. *Diccionario de dicción usadas en la Biblia*. Barcelona: Clie, 1985.
- Carson, D. A., Douglas J. Moo e Leon Morris. *Introdução ao Novo Testamento*. Traduzido por Márcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- Carter, Charles W. *The Wesleyan Bible*. 2ª edição. 6 vols. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1971.
- Champlin, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. 6 vols. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- Christianini, A.B. *Subtilezas do erro*. 2ª edição. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981.
- Codex Justinianus*, livro 3, título 12:3. Transcrito em Schaff, *History of the Christian Church*. 5ª edição. New York: Charles Scribner, 1902. 380.
- Conzelmann, Hans. *I Corinthians*. Hermeneia. Philadelphia: Fortress Press, 1977.
- Eichler, J. e Colin Brown. “Posses”. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. eds. Lothar Coenen e Colin Brown. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2:1708-1715.
- Filson, Floyd V. e James Reid. “I e II Corinthians, Galatians, Ephesians”. *The Interpreter’s Bible*. ed. George Arthur Buttrick, 10:3-262. Nashville, TE: Abingdon Press, 1953.
- Gibbons, James. *The Faith of Our Fathers*. 47ª edição. Baltimore: John Murphy & Co., 1895.
- Gonzales, Lourenço. *Assim diz o Senhor*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Ados, 1993.
- Gundry, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- Guthrie, Donald. *Nuevo comentario bíblico*. Barcelona: Casa Bautista de Publicaciones, 1977.
- Kugelman, Richard. *Comentário bíblico “San Jerônimo”*. eds. Raymond B. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy. Traduzido por Jesus V. Malla e Juan J. del Moral. 5 Vols. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972.

- Halley, Henry H. *Manual bíblico*. 10ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- Hamar, Paul A. *The New Testament Study Bible Romans-Corinthians*. Ed. Stanley M. Horton. 10 vols. Chicago: R.R. Donnelley and Sons Company, 1989.
- Hefele, Charles J. *A History of the Councils of the Church From the Original Documents*. Traduzido por Henry N. Oxenham. Edinburg: T. & T. Clark, 1876.
- Henry, Matthew. *Comentário exegético devocional a toda la Bíblia*. 6 vols. Barcelona: Libros Clie, 1989.
- Hillyer, Norman. *The New Bible Commentary*. 3ª edição. Ed. Donald Guthrie. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1970.
- Hobbs, Herschel H. *The Epistles to the Corinthians*. 3ª edição. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1960.
- Jamieson, Robert, A.R. Fausset e David Brown. *A Commentary Critical, Practical and Explanatory on the Old and New Testament*. 4 vols. Dayton, OH: Loizeaux Brothers, 1888.
- Johnson, S. Lewis. *El comentário bíblico Moody*. ed. Everett F. Harrison. Chicago: Editorial Moody, 1971.
- Lacueva, Francisco. *Nuevo Testamento interlineal griego-español*. Barcelona: Libros Clie, 1984.
- La Santa Biblia*. Tradução Reina Valera. Madrid: Sociedades Bíblicas Unidas, 1960.
- Lincoln, Andrew T. "From Sabbath to Lord's Day: A Biblical and Theological Perspective" in *From Sabbath to Lord's Day: A Biblical, Historical and Theological Investigation*. Ed. D. A. Carson. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1982. 386.
- Mare, W. Harold. "I Corinthians". *The Expositor's Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelin, 10:173-298. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1976.
- Meyer, F.B. *Comentário bíblico devocional do Novo Testamento*. Venda Nova, MG: Editora Betânia S/C, 1992.
- Morris, Leon. *I Coríntios: Introdução e comentário*. 3ª edição. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.
- New International Version*. Grand Rapids, MI: Zondervan Bible Publishers, 1985.

- New Revised Standard Version*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1991.
- Nichol, Francis D., ed. *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia*. 7 vols. Traduzido por Victor E. Ampuero Matta. Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1988.
- Nisto Cremos*. 3ª edição. Traduzido por Hélio L. Grellmann. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- Orr, William F. e James A. Walther. *I Corinthians*. 5ª edição. The Anchor Bible, vol. 42. Garden City, NY: Doubleday & Company, 1976.
- Prior, David. *A mensagem de I Coríntios*. Ed. J.A. Motyer e J. R.W. Stott. 13 vols. São Paulo: ABU Editora S/C, 1993.
- Robertson, Archibald T. *Word Pictures in the New Testament – The Epistles of Paul*. 6 vols. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1931.
- Spence, H.D.M. e Joseph S. Exell. *The Pulpit Commentary*. 23 vols. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1977.
- Stegenga, Jackson J. *Concordância analítica greco-española del Nuevo Testamento Greco-Español*. Traduzido por Alfred E. Tuggy. Barcelona: CLIE, 1987.
- Stott, John. *A mensagem de Atos*. São Paulo: ABU Editora S/C, 1994.
- Tasker, R.V.G. *The First Epistle of Paul to the Corinthians*. Tyndale New Testament Commentaries, vol. 18. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1966.
- Taylor, Richard S. *Beacon Bible Commentary*. 10 vols. Kansas City, MS: Beacon Hill Press, 1968.